
THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 528 p.

Regina Weber

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil

Finalmente temos em português textos já tornados clássicos de E. P. Thompson, utilizados no Brasil principalmente através da coletânea em espanhol *Tradición, Revuelta y Consciência de Clase*, de 1979. *Costumes em Comum* é uma coletânea de textos, alguns escritos há 20 anos. Aliás, a intenção do autor, em relação à edição do texto é dos anos 70, conforme ele afirmou à *Radical History Review* em entrevista em 1976, traduzida pela coletânea espanhola. Na época, ele assim resumiu o objetivo do livro:

En Customs in Common – mi libro inconcluso de estudios historia social del siglo VXIII – sobre lo paternalismo, el motín, el cerramiento y los derechos del común, y sobre varias formas de rito populares, lo que me preocuparon las sanciones económicas y las reglas invisibles que gobiernan el comportamiento con tanta fuerza como la fuerza armada, el terror al patíbulo o el dominio económico. En un sentido, lo que examino es aún “moral” y sistemas de valores, como en el caso de la economía moral de la multitud en los motines de subsistencias o como en el charivari ritual: pero no en la forma clásica “liberal” – como zonas de “libre elección” divorciadas de la economía – ni tampoco como en un modo clásico sociológico o antropológico, según el cual las sociedades y las economías son consideradas independientes de los sistemas de valores. Lo que examino es la dialéctica de la interacción, la dialéctica entre “economía” y “valores”.

Na edição que finalmente apareceu em 1991, poucos anos antes da morte do autor (1993), e cujo atraso, ele justificou, no Prefácio, basicamente pelo seu envolvimento com o movimento pacifista, Thompson parece bem mais afim com o campo interdisciplinar, isto é, parece ter encontrado os interlocutores certos nestas áreas como a antropologia.

O que está em vários destes textos que se tornaram “obrigatórios” para muitos estudos? Há muitas respostas para esta questão e o que segue é uma determinada leitura.

O capítulo 2 é uma fusão de dois outros importantes textos: “Patrician Society, Plebeian Culture”, publicado em 1974 e “A sociedade inglesa no século XVIII: luta de classes sem classes?”, publicado em inglês em 1978 e traduzido na coletânea espanhola de 1979. Já no primeiro texto constava uma discussão de hegemonia num sentido gramsciano, que avançava na elaboração de uma relação entre dominantes e dominados como teatro e contra-teatro. De “Luta de classes sem classes” foi dito que tratava-se de um complemento ao Prefácio de *A Formação da Classe Trabalhadora Inglesa*: tendo sido questionado pela pouca teorização em *The Making* e principalmente pela noção de classe que introduz, Thompson, no artigo, explicita sua visão do conceito.

Depois de classe como formação social e cultural, a noção mais difundida de Thompson é a de “economia moral”, que permite uma nova forma de olhar as multidões, aprimorando um caminho aberto por George Rudé: enxergar objetivo e racionalidade onde autores anteriores só viam irracionalidade. Por confrontar-se com a nascente economia de mercado, apelando para antigas normas comunitárias, a multidão é freqüentemente descrita por Thompson como “tradicional e rebelde”. A noção de economia moral também causou controvérsias e Thompson, que sempre foi um grande polemista, discute as críticas em um longo texto. Ainda que E. P. Thompson não seja o único a tratar da questão da disciplina trabalho, o texto “Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial” é um artigo imprescindível a quem trata do assunto. Marxista certamente não ortodoxo, Thompson não deixa de fazer referência a Weber no início da exposição.

No artigo “Costume, lei e direito comum”, o autor explora “a interface entre a lei e as ideologias dominantes, de um lado, e os usos do direito comum e a consciência costumeira de outro”, o costume e a lei são vistos como lugar de conflitos de classes.

Se em toda coletânea Thompson lida com noções familiares aos antropólogos, o capítulo sobre a venda das esposas parece ser aquele em que o historiador mais avança no campo antropológico: sem recorrer continuamente às noções de ritual e simbolismo, Thompson não “decodificaria” a venda das esposas como uma forma de divórcio. Também no último artigo “Rough music”, que lembra o estudo de Natalie Davis sobre charivari, o autor vai se utilizar de expressões como “rito de inversão”, sem se distanciar do contexto histórico no qual é especialista e que lhe permite afirmar que a rough music se tomou mais plebéia no século XVIII. Se os textos que compõem a coletânea há muitos anos já são utilizados, *Costumes em Comum* por muitas décadas será indispensável.